



O reitor Earle Macarthy Moreira (dir.) recebe um grupo de professores do Instituto de Biociências

a em expansão

Biociências foi criado em 1969, com as cátedras das Ciências da Medicina, Zoologia, Enfermagem, Farmácia, Agronomia, Botânica, mais as cátedras do curso de Ciências Naturais, Física e Letras.

Em 1971, o curso de História das Ciências Biológicas, criado em 1969, passou a ser de História, Ciências e Letras. Em 1972, o curso de formação de professores de História teve grande influência na nomenclatura, passando então a ser História, Ciências e Letras. Em 1973, o curso de História das Ciências Biológicas teve grande influência na nomenclatura, passando então a ser História, Ciências e Letras.

Em 1974, o curso de História das Ciências Biológicas teve grande influência na nomenclatura, passando então a ser História, Ciências e Letras. Em 1975, o curso de História das Ciências Biológicas teve grande influência na nomenclatura, passando então a ser História, Ciências e Letras.

Em 1976, o curso de História das Ciências Biológicas teve grande influência na nomenclatura, passando então a ser História, Ciências e Letras. Em 1977, o curso de História das Ciências Biológicas teve grande influência na nomenclatura, passando então a ser História, Ciências e Letras.

Em 1978, o curso de História das Ciências Biológicas teve grande influência na nomenclatura, passando então a ser História, Ciências e Letras. Em 1979, o curso de História das Ciências Biológicas teve grande influência na nomenclatura, passando então a ser História, Ciências e Letras.

Em 1980, o curso de História das Ciências Biológicas teve grande influência na nomenclatura, passando então a ser História, Ciências e Letras. Em 1981, o curso de História das Ciências Biológicas teve grande influência na nomenclatura, passando então a ser História, Ciências e Letras.

Filosofia. Em 1991, após incorporar a área de Biologia Molecular, passou a denominar-se PPG em Genética e Biologia Molecular. Posteriormente, em 1969, foi criado o PPG em Botânica, em 1978, o PPG em Ecologia e, em 1994, o PPG em Biologia Animal. O prestígio alcançado em termos de pós-graduação pode ser dimensionado pelo número de diplomados até o presente momento: 1.101 mestres e 426 doutores. Na área de pesquisa o IB se destaca, desenvolvendo 214 projetos de pesquisa, nos quais estão envolvidos, além de pesquisadores, mestrandos e doutorandos, 72 alunos de Iniciação Científica. Com relação à pesquisa, deve-se também levar em conta que o curso de Biologia realiza grande número de trabalhos e pesquisas de campo nas áreas de Botânica, Ecologia e Zoologia. Dessa forma, os projetos de pesquisa do IB vão desde o molecular, englobando biologia celular e molecular dos diversos sistemas biológicos, até os que se preocupam com o macro, envolvendo áreas da morfologia, fisiologia, taxonomia e ecologia.

Os diferentes programas de pós-graduação do Instituto mantêm intercâmbios com diversas universidades brasileiras e latino-americanas, bem como com universidades, museus e institutos de pesquisa da Europa.

Além disso, a comunidade do Biociências desempenha uma série de atividades de extensão, totalizando 63 programas, ações e projetos relacionados ao meio ambiente, educação e saúde, nos quais estão envolvidas 360 pessoas.

Finalmente, o Instituto tem um herbário (Herbário do Instituto de Ciências Naturais - ICN) onde estão depositados 153.000 exemplares. Atualmente, a coleção está sendo digitalizada e será disponibilizada para consulta via Internet. Para os que pesquisam a classificação das plantas (sistemática vegetal), o herbário é mais importante do que a própria biblioteca, pois ali são encontradas as espécies classificadas inclusive com identificação do coletor e do local de coleta.

A Unidade está alocada em uma área de 15.000 m², no Câmpus do Vale, em Porto Alegre, além do Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos, em Imbé, com 1.810 m².

Nesses 40 anos de vida, o Instituto de Biociências soube, pelo trabalho de seus administradores, professores e técnicos, perceber as demandas da comunidade universitária e da sociedade, oferecendo cursos e desenvolvendo projetos que respondessem aos anseios dessas comunidades. Certamente no futuro a Comunidade do Biociências não se furtará de suas responsabilidades perante a Universidade e a Sociedade e responderá com qualidade às demandas que se fizerem necessárias.

***Diretor do Instituto de Biociências**

O Brasil reacionário

“Foi então que estreou no Teatro Municipal de São Paulo a peça clássica Electra, tendo comparecido ao local alguns agentes do DOPS para prender Sófocles, autor da peça e acusado de subversão, mas já falecido em 406 a.C.”

“Em Campos houve um fato espantoso: a Associação Comercial da cidade organizou um júri simbólico de Adolph Hitler, sob o patrocínio do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito. Ao final do julgamento, Hitler foi absolvido.”

“A minissaia era lançada no RJ e execrada em Belo Horizonte, onde o delegado de costumes declarava aos jornais que prenderia o costureiro Pierre Cardin, caso ele aparecesse na capital mineira ‘para dar espetáculos obscenos com seus vestidos decotados e saias curtas’. [...] Toda essa cocorocada iria influenciar um deputado estadual de lá – Lourival Pereira da Silva – que fez discurso na câmara sobre o tema: ‘Ninguém levantará a saia da mulher mineira.’”

Trechos de *Febeapá* (1966) livro de Stanislaw Ponte Preta.

Atuação marcante na sociedade

Temístocles Cesar*

O Brasil no início dos anos 60 estava, segundo Roberto Schwarz, incrivelmente inteligente. Um novo vocabulário expressava esse momento de intensa atividade política e cultural na sociedade brasileira: “política externa independente”, “reformas estruturais”, “combate ao imperialismo e ao latifúndio”, etc. As chamadas forças progressistas nunca estiveram tão próximas do poder político até então. Assim, em março de 1964, o secretário-geral do PCB, Luiz Carlos Prestes, declara em uma estação de televisão: “Não estamos no governo mas estamos no poder!”. Menos de um mês depois, um golpe militar derruba o governo civil de João Goulart, e o general Humberto de Alencar Castello Branco assume a presidência, declarando-se “síndico de uma massa falida”.

Nas ruas, não o movimento progressista, mas as “marchas da família com Deus pela liberdade”, combatendo o que chamavam de a “bolchevização” do país. Enquanto a ditadura militar, apoiada por grupos civis da sociedade, alçava-se à condição de agente moralizador da política brasileira, à luz de um suposto projeto de modernização econômica, seus efeitos ideológicos imediatos encenavam um espetáculo tragicômico de provincianismo. É dessa época também o famoso Febeapá – o Festival de Besteiras que Assola o País –, de Stanislaw Ponte Preta, pseudônimo do jornalista Sérgio Porto, que inventariava as notícias inusitadas do período, como as que estão reproduzidas na coluna ao lado.

A universidade não ficou alheia a esse contexto. Também ela refletiu o que se passava na sociedade. Nela houve contestação, mas também reação. Logo, se houve expurgo, houve igualmente colaboração. Além disso, a universidade como instituição soube beneficiar-se dos investimentos do regime autoritário.

Evitemos, portanto, glamorizar a memória e tentemos compreender o passado como uma rede complexa de significados cuja história deve ser escrita sem desconsideração às diferenças e à crítica aberta e livre.

O Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) se insere nessa conjuntura histórica. Assim, a partir de 1964, 17 professores são expurgados, entre eles, Ernani Maria Fiori. Em 1969, uma nova leva de expurgos atinge o Departamento de Letras

(Angelo Ricci, então diretor da Faculdade de Filosofia), o Departamento de Ciências Sociais (Leônidas Xausa), o Departamento de Filosofia (Ernildo Stein, Gerd Bornheim e João Carlos Brum Torres). Em protesto, um grupo de docentes da Faculdade de Filosofia elaborou um abaixo-assinado exigindo a reintegração dos aposentados pela ditadura ou a renúncia do reitor. Os signatários foram chamados a retirar seu nome do manifesto sob pena de serem punidos por insubordinação. Para os que não o fizeram, o Diário Oficial de 10 de outubro de 1969 aposentou os professores Victor Brito Velho, Carlos Brito Velho e Carlos Roberto Cirne Lima, todos do Departamento de Filosofia; Dionísio Toledo e Maria da Glória Bordini, do Departamento de Letras; entre outros. Ainda em 1969, demitiram-se em solidariedade aos colegas expurgados os professores Antonio Cheuiche, Gabriel Azambuja de Brito Velho, Bruno Puntel, Maria Luisa de Carvalho Armando e Antônio Carlos Soares. Os alunos, em protesto, deflagraram uma greve geral na Faculdade de Filosofia que durou mais de um mês, ao término da qual muitos não mais retornaram às aulas, abandonando a Universidade ou concluindo seu curso em outras faculdades. Além disso, pela aplicação do Decreto n.º 477, foram afastados, temporária ou definitivamente, inúmeros estudantes.

O IFCH, nome atribuído em 1970 em função do decreto da ditadura militar que fragmentou a universidade em diversas unidades, é herdeiro da antiga Faculdade de Filosofia da UFRGS, criada em 1942-43, e sua história confunde-se com os momentos políticos e culturais que remontam às últimas décadas. Trata-se de um Instituto de onde despontaram não apenas pesquisadores reconhecidos no meio acadêmico, mas intelectuais com atuação social marcante em nossa sociedade.

Atualmente, nosso Instituto é constituído de quatro cursos de graduação: História, Filosofia, ambos criados em 1943, e Ciências Sociais, criado em 1959, e o Bacharelado em Políticas Públicas, de 2010, todos com funcionamento diurno e noturno. Contamos com seis programas de pós-graduação: Antropologia, Sociologia, Ciência Política, Relações Internacionais, Filosofia e História, sendo os três primeiros, Antropologia e Sociologia, nota 6, enquanto os demais têm a nota 5, ou seja, todos com nível de excelência.

***Diretor do IFCH**



A mobilização estudantil foi uma das marcas de uma época em que o Brasil foi tomado por um surto de preconceito e reacionarismo